

Adeus a Tancredo

CORREIO BRAZILIENSE

VIVALDI MOREIRA
Especial para o CORREIO

“Quando alguém morre, nem só isso é morte. Morte é quando alguém vive e não sabe”. Isto é Rilke, querido companheiro Tancredo, invocando aqui como epigrafe e não epitáfio de tua exemplar e impetuosa carreira. Exemplar porque escolheste, deliberadamente, um rumo — epitome de silenciosa meditação nas encostas do Lenheiro. E impetuosa porque, tomada a deliberação, movimentaste, como um tufo, um ciclone impellido pelas Eumenides, tudo, porém, com um alvo determinado, varrendo este País, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, levando em suas dobras não o vento da destruição e da violência, mas o zéfiró da concórdia, da pacificação, da benignidade, da paz entre os brasileiros.

Foi esta tua paciente e sacrossanta missão. Querias a convergência para o salto calculado no denso e falível tecido da História. Representaste, nestes últimos anos, a brisa que arrefece e tonifica os ânimos, a aragem branda que ventila os corações, ao mesmo passo que enxuga e compõe os destro-

ços da borrasca.

Viveste, Tancredo, uma longa existência consciente. Sabias para que vivias. Preparaste para um epílogo de Perceval, brandindo tua espada pela dama viúva e comandando os valentes cavaleiros para a demanda do Santo Graal. O que a natureza, as forças cósmicas, Deus enfim, não te forneceram em estatura física, foi, sabiamente, para te proverem de estro, de força indomável, de um gigantesco arcabouço espiritual, para abrir sendas, descortinar amplos horizontes, que só puderam ser vislumbrados, contemplados à distância, por tua visão aquilina, como Moisés, o herói bíblico, que não teve a permissão divina para colocar os pés na Terra Prometida.

Ainda me recordo de uma de nossas últimas conversas, numa tarde mansa em nossa Academia, quando ambos oprimávamos num diálogo agradável acerca do papel do intelectual e do político e eu então recordei o episódio de Salisbury, o ministro inglês, ao dispensar os serviços de Mac

Leod, um economista, um intelectual portante, dizendo-lhe “que só era inteligente pela metade”. Ao que retrucaste prontamente, com tua vigilante ironia: — “Serão os políticos inteligentes por inteiro?” Contestei-lhe que a ele, Tancredo, cabia a resposta, posto que era um político-intelectual. Sagaz, como sempre, disse-me ele que nessa xifopagia preferia ser um intelectual-político. E soltou uma de suas saudáveis gargalhadas.

Foste, sim, político e dos maiores que nossa terra tem produzido, isto é, dotado dos dois mais nobres atributos nitzschianos: ambição e egoísmo. Poderia perguntar-te agora: em que consiste um grande político? No afã indomável de criar a realidade e não na tarefa subalterna de transformar o ambiente. Por isso tomaste sobre ti, com igual simplicidade, as grandes honras e as grandes angústias. Foste, sim, o grande político, pois dispendo de um universo bastante reduzido, pouco valioso e destro, investiste numa missão criadora, ansia-

vas produzir coisas sublimes e por isso mereces a classificação de magnânimo, ao contrário do pusilânime, a quem falta precisamente a missão.

Deste provas evidentes, no ocaso de teu belo destino, oferecendo a vida em holocausto. E como magnânimo que foste não renunciaste à obra para evitar a dor, o sofrimento em teu redor, pois a esperança de prazer, o anelo supremo do magnânimo é criar: criar o Estado, dar nova forma à República. Daí a identidade na fusão e não o contraste entre egoísmo e altruísmo: o eu e o outro que seria obra tua.

Soubeste o que fazer da vida, viveste com a consciência alerta, como disse Rilke. Só Deus sabe se a deixaste inconclusa.

Tua lição, a lição de teu esforço supremo, será lembrada para sempre e a semente lançada chã-de-dar messes, quando nossa geração acompanhar-te no seio da Eternidade.

Repousa em paz, amigo e companheiro.

* Vivaldi Moreira, escritor e jornalista, é presidente da Academia Mineira de Letras.